Dois cães

Rosario Lázaro Igoa[1]

Chove há horas. A nuvem preta foi se acercando no horizonte e demorou para chegar, enorme e ameaçadora, à espreita. Pôde observá-la por um bom tempo, apesar do calor endemoniado que os envolvia há semanas, ver as bordas mais azuladas, o centro escuro, quase preto, e os relâmpagos que iluminaram partes dessa extensão do céu, revelando os recortes que estavam presentes em seu interior, aqueles sulcos geralmente escondidos, e também as partes mais compactas. O vento parou aos poucos e, apesar de parecer que soprava do leste, a nuvem avançou desde o sudeste, plantando-se com firmeza sobre a serra. Deu tempo de tirar a roupa do varal, ainda úmida, e de fechar as janelas. Eram mais de seis horas quando a massa de água que estava suspensa até esse instante se transformou em uma manta única. Os recortes entre as áreas de algodão desapareceram em um cinza encharcado. Desde o céu, a nuvem começou então a descarregar baldes e baldes de água. Estava entardecendo, mas conseguiram se dar conta.

Faz tempo que uma goteira marca o ritmo das horas. A água entra por um lado do teto de Dolmenit, escorre pela parede branca de cal e cai no assoalho de madeira, avançando pela casa. Os cães se amontoam na porta, tratando de entrar. Seus choros alternam com o ruído da goteira. A mulher resmunga, com um assobio rápido, mas não demoram muito para começar a fazer barulho novamente. Às vezes, também batem na porta de lata. Patas contra o metal, e retumba assim o pedido de clemência. São três. Não deveriam ter medo, além disso é final de fevereiro e não faz frio, pensa ela enquanto põe os óculos para ver de perto. O livro de receitas descansa em

[1] Tradução de Ana Paula Cabrera e Byron Vélez Escallón. Este conto faz parte da coletânea *Peces mudos* (Montevideu: Criatura, 2016). Agradecemos à autora e à Editora Criatura pela cessão dos direitos de publicação.

sua saia. Folhas escritas à mão e outras em que alguma vez colou receitas recortadas do jornal. *Aspic de verduras. Bizcochuelo sueco. Pizza de polvo de hornear. Timbales de pollo.* Todas as folhas estão apertadas por uma peça de metal enferrujado que as une. Precisa de alguma ideia para o domingo. Algo que possa preparar antecipadamente e levar em uma caixa, ou enrolado. Ela gostaria de se concentrar, mas não pode deixar de observar esses três seres que sabem que ela está ali, atenta a eles também. Nota como o maior trata de se impor, de passar por cima dos outros dois, de empurrá-los para um lado e ser o único a mostrar o focinho por baixo da porta, pela fresta que também deixa passar a luz da galeria. Sombras nervosas. Atentas. Uma fresta em que se projetam.

Esse corpo de cor marrom, caramelo, se agacha como um felino, e fareja. Ela se mexe no sofá e o cão nota. Por alguma razão, sabe que o está olhando pelo espaço entre o piso e a porta de lata, e sabe também que gostaria de poder deixá-los entrar em casa, onde não chove. Os três, ou talvez só o marrom, o maior e mais rápido, o único que sabe subir em árvores. Sem dúvida, os outros invejam essa agilidade para agachar-se ou ficar à espreita como um gato, assim como esse poder de convencimento, e ficam de lado. Apareceu faz menos de um ano, mas já domina a pequena matilha que se formou graças a sua chegada. Três corpos, o marrom, o outro tigrado, de porte menor, e um preto, gordo. Três cães.

– Não se apegue. Certamente caiu da caminhonete dos caçadores, se nota que está treinado para caçar – advertiu-lhe o marido desde o princípio – . Já vi que é o mais charmoso. Mas esses, assim como vêm, vão – completou levantando as sobrancelhas escuras com um ar grave e esticando a pele arranhada pelo sol.

Era um meio-dia de junho. A luz fria e esbranquiçada do inverno inundava a paisagem. Ele tomava mate sentado em um banco de madeira coberto por um pelego. A boina encravada sobre o cabelo enegrecido e o bigode aparado com esmero. Os dois cães da casa se deitavam aos seus pés, mas não perdiam de vista o recém-chegado, que esperava alguma coisa do lado da porteira. Esse outro cão parecia ingênuo e desafiante em sua paciência. Fazia dias que rondava o lugar. Ela estava sentada um nível acima, em uma cadeira de fórmica da sala de jantar, que logo deixaria junto

da mesa, lá dentro, como se a entrada da casa não pudesse ser o lugar permanente para esse móvel. Escutou a advertência fingindo prestar atenção, e até tratou de imaginar um cão caindo de uma caminhonete em movimento, mas em seguida voltou a olhar na direção da porteira, o cão marrom, deitado na mesma entrada, o caminho atrás dele, e a mata nativa do outro lado, onde viviam as cruzeiras. Suspirou. À direita, começavam as serras mais íngremes, de ladeiras rochosas e não cheias de pasto como aquela onde estava a casa que ele tinha construído quando se casaram. Uma casa simples, como um cubo, pintada com cal, uma galeria estreita na fachada, e com o telhado plano, não de duas águas como ela preferia, mas uma casa digna, com uma sala de jantar ampla que terminava na cozinha, e do outro lado dois quartos, o grande, com uma janela ínfima que dava para o norte, e o dos filhos, sempre cheio de umidade devido à orientação ao sul e na direção da parte alta da ladeira, onde agora tinha sua máquina de costura.

No dia seguinte, a mulher começou a deixar comida para ele na porteira. Nessa hora, o marido já tinha saído a cavalo para percorrer o campo, pela porteira de cima, acompanhado dos dois cães que tinham chegado antes desse intruso e que custodiavam a vida do casal já em idade avançada. O cão novo não saía dali, não entrava no quintal das casas, mas também não ia embora. Quando muito, ao cair da noite se refugiava entre o matagal a poucos metros da porteira, mas estava sempre atento. Se eles decidiam sair na caminhonete, se sentava perto do para-lamas e os olhava partindo, com olhos que a ela pareciam ser de gente. Tinha um bom porte, alto e atlético, embora a sarna deixasse seu pelo desigual e a fome o tornasse demasiado submisso. Aprendeu rápido a esperá-la abanando o rabo, todos os dias, como se foi tornando costumeiro. Depois de organizar a casa, a mulher punha as botas de cano alto e ia descendo a pé, da casa até a porteira. Trazia na mão o mesmo recipiente de metal, cheio de arroz do dia anterior e de outros restos de comida. O cão esperava que ela colocasse o pote no chão, e aí se aproximava movendo as ancas ossudas e a cabeça em direções opostas, como que pedindo licença. Mas assim como chegava submisso, de um momento para o outro, na frente da comida, seu corpo inteiro se transformava e devorava a pilha de arroz em segundos. Era tudo muito rápido. A boca aberta mostrando os caninos brancos de cão jovem, as

costelas à vista, arqueado para frente, alheio à sua presença e à de qualquer outro que estivesse ali. A comida entrava naquele ser em ondas expansivas, mas não parecia ser suficiente, era como ocupar um organismo perpetuamente vazio. Mesmo assim não demorou para metabolizar essa energia. O pelo melhorou em poucos dias e ao sol brilhava com um tom acobreado.

– Se continuar dando comida, vai fazer com que ele fique – disse o marido uma semana depois, assim que a mulher aproximou o prato cheio de guisado de ovelha, fumegante sobre a mesa. Era um dia escuro de inverno. As nuvens baixas e úmidas sobrevoavam a serra. Desde a janela da sala de jantar, a pradaria parecia de um verde fosforescente.

Ambos comeram sem conversar. As mãos do homem se revezavam entre os talheres e o pão, que cortava com os dedos, levando à boca pedaços do miolo molhados no guisado. Às vezes, as migalhas ficavam presas no bigode, e ela lhe fazia um breve sinal, para que limpasse. Ao terminar o almoço, a mulher arrumou o cabelo com um coque caprichado e lhe pediu dinheiro:

– Quero ir até Velázquez hoje – disse com os olhos fixos na pradaria, sem revelar o motivo da viagem. Em seguida levantou a cabeça, em um gesto de cansaço que não era estudado, nem fingido; era tão simples e espontâneo como tudo que fazia. A clavícula esticando o blusão de lã azul-celeste que ela mesma tinha tricotado, as mãos de unhas curtas e limpas repousando sobre as coxas, os pés plantados no chão, embainhados em tênis brancos muito novos, sem fazer um gesto diferente além de ficarem ali parados, nesse momento.

– Não posso ir hoje, tenho que levar o gado para o outro pasto – respondeu o marido, com pressa para se desculpar.

– Vou de moto, posso ir sozinha – disse, e concentrou seus olhos cinzentos e oblongos nos olhos escuros do homem. Mais uma vez, se perguntou onde começaria a íris e onde a pupila, naquele território tão uniforme e preto do pai de seus dois filhos.

Naquela tarde ela fez o caminho até Velázquez com uma alegria estranha, acelerando a moto a cada nova curva da estrada. As nuvens estavam tão baixas que se confundiam com as florestas de eucaliptos. As

casas tinham as luzes acesas, mesmo sendo no meio da tarde. Era um daqueles dias que permite ficar dentro de casa, ou não muito longe, fazer bolos e pastel frito ao lado da lareira. O vento entrava entre seu pescoço e o capacete, mas não era um ar frio, era uma temperatura incomum para o inverno. Buzinou duas ou três vezes, para cumprimentar umas mulheres que moravam ao lado da estrada, com elas tinha feito um curso de cestas artesanais há muito tempo. Elas acenaram de volta desde a varanda, dessa casa de telhado de duas águas demasiado próxima do asfalto. A moto seguiu seu rumo. Chegando na cidade, estacionou na avenida principal. Primeiro teve que refazer o coque, amassado pelo capacete, que ela deixou amarrado na moto. Caminhou um par de metros, cumprimentou os homens reunidos na entrada do comércio, e entrou na agropecuária sentindo-se segura de si mesma, encarregada de uma tarefa essencial. Quando a atenderam, pediu um remédio para sarna, um vermífugo e as vacinas básicas.

– De que peso estamos falando? – perguntou o veterinário, tirando a caneta do bolso do seu jaleco branco, e ela se deu conta de que não tinha pensado nisso. Não sabia quanto pesavam seus outros dois cães, nem as ovelhas que seu marido carneava, nem os novilhos que vendia para o açougue municipal quando estavam apertados de grana. Foi como perder o chão, como perceber sua ousadia. O balcão de madeira, os sacos de farelo abertos e as botas de couro pareceram tremer ao seu redor. Apoiou a mão no balcão, fazendo força para não se deixar levar por essa sensação:

– Mais de trinta quilos – respondeu, sem saber se isso ajudava ou piorava as coisas –. E também quero uma coleira, com uma cor bonita.

– É você que vai vacinar o cachorro, senhora? – inquiriu aquele menininho que tinha feito a escola rural com seu filho, mas que nunca fora aos aniversários que organizavam todo 8 de maio, com corridas de sacos ladeira abaixo, pizzas de massa fermentada, altas e sem queijo, e crianças da vizinhança correndo e gritando até de tardinha. Tinha estudado o mesmo que seu pai, e que seu avô. Parecia bem inteligente, com total controle do comércio que sua família tinha pilotado por décadas. Certamente tinha morado vários anos em Montevidéu, e não se lembrava dela. Não era mais um menino, e sim um homem, pensou olhando como suas mãos grandes colocavam a coleira, o remédio para a sarna e as vacinas em um saco, os

pelos dos braços aparecendo perto do seu punho, bem na dobra da manga do jaleco.

– Não, meu marido. Quanto é tudo?

Tirou o dinheiro da carteira, em que também carregava os documentos, e pagou rapidamente as compras. “Até mais, senhora”, disse o rapaz, mas a mulher baixou os olhos, concentrando-se nos tênis brancos, comprados no Chuí pelo marido, e notou que a sensação de que o chão ondeava sob seus pés voltava com força.

Pouco depois, regressava em sua moto pela estrada, com a sacola de remédios amarrada ao assento. Tinha escurecido de repente. As luzes dos caminhões de madeira a ofuscavam cada vez que passavam e o ar que movimentavam ao passar abalava a direção, desequilibrava o rumo da moto entre as curvas da serra. Tentou ir mais devagar, bem próximo do acostamento, pensando a todo momento no que faria se um caminhão viesse para cima dela. Sabia que os acidentes tinham aumentado com os reflorestamentos. “Uma estrada estreita, repleta de curvas e ainda com caminhões”, dizia o marido. Um vizinho tinha morrido depois que uma carreta cheia de madeira se soltou do caminhão que a rebocava e bateu na sua caminhonete como se fosse um brinquedo. “O veículo ficou irreconhecível”, ouviu dizer no armazém. A família do homem se mudou para a cidade e ela nunca os visitou. Agora colocava o dedo indicador no freio, só para garantir, e erguia as costas para a frente, concentrando-se na linha do acostamento. O trajeto, que se transitava tão rápido com o carro, na moto e naquele momento se tornava eterno, cheio de perigos. Por duas vezes achou estar no começo da estrada local, e até virou com a moto, mas somente para perceber que estava na trilha da entrada de uma fazenda. Quando finalmente entrou na rua de pedregulhos que levava para sua casa, se deu conta de quão nervosa estava. O seu corpo tremia, sua mão no acelerador sacudia. Sentiu medo e acelerou até a ponte sobre o riacho, curta e sem acostamento. Com o impulso, subiu o declive da frente saltitando entre pedregulhos, fez a curva fora de controle e não soube como conseguiu se manter sobre a moto antes de alcançar seu destino. Na entrada das casas, viu os olhos do cão marrom, ofuscados pela luz da moto. Dois pontos amarelos no meio da total escuridão. Estava esperando por ela, quieto e

ansioso. Ao descer da moto para abrir a porteira, olhou para cima e viu que a casa continuava às escuras. Naquela noite o marrom dormiu dentro de casa, ao lado da cama grande, e mostrou os dentes para o marido quando desceu cambaleando da caminhonete, ao amanhecer do dia seguinte.

A mulher folheia o caderno cuidadosamente. Presta atenção aos ingredientes que deveria ter se decidisse cozinhar uma das receitas. São muitos os preparativos, tantos que não consegue escolher a receita que irá cozinhar no domingo. Em vez de resolver o problema, observa como sua letra foi mudando com o passar dos anos. Cada receita parece ter sido copiada com um ânimo diferente. O caderno sempre foi uma forma de ter algo próprio, algo que mudava e se tornava mais complexo à medida que aprendia novas maneiras de cozinhar.

No começo não foi fácil. Recém-casada, chamava uma de suas cunhadas para que lhe passasse ideias sobre o que preparar. "Guisado de carne", dizia a voz ao telefone, e recitava um passo a passo no qual sempre algo saía errado. Ou a cebola que se queimava, ou a carne que ficava dura. O marido não dizia nada, comia em silêncio. Tinha o mesmo bigode, que aparava todas as manhãs, e a mesma mistura desproporcional de tórax magro e quadril excessivamente largo para um homem. Mas o tórax era uma exceção nessa soma de partes, pois terminava em uns braços grossos, fortes e sem pelos, que se desenvolveram assim que ele começou a cuidar do terreno herdado pela mulher. A moça de cidade casou virgem, bem esbelta e órfã, com um patrimônio de trinta hectares em plena serra, campo de pedras e cruzeiras. Aos poucos, o homem deu um jeito de comprar pedaços de terreno de seus cunhados, bêbados e jogadores inveterados, e logo arrendou outras frações rentes à estrada de asfalto, onde crescia mais o pasto. O homem fazia de tudo, e sempre se gabou de aprender rápido e de não precisar de ajuda. Tinha sido mecânico em Lascano e gostava de carros, que sempre estava consertando no galpão da casa. Ela ficava fascinada com o seu modo de carnear as ovelhas, a precisão do corte, e o domínio da faca para tirar-lhes o couro. As ovelhas, que nunca esperavam o momento em que seriam degoladas. Tiveram dois filhos quase em seguida ao casamento. A filha terminou o colégio na cidade, ficou grávida de um empregado

municipal e de vez em quando lhes pede dinheiro para chegar ao fim do mês.

Na sala, tem uma foto que a mostra ao lado da moto nova, de um vermelho lustroso, que lhe deram de presente de quinze anos, e que deixou para sua mãe quando foi embora de casa. É no aniversário da neta mais nova que irão no domingo. “Cozinhar algo especial”, repete para si mesma. O filho sempre foi parecido com os tios, e todos acreditam que ele vive em Montevidéu, embora não saibam nada dele faz tempo. Tem uma foto sobre a cômoda do quarto que o mostra no primeiro dia de aula, com os joelhos arranhados, o cabelo desgrenhado e um meio sorriso, de uma inteligência não muito brilhante. A escola rural ainda funciona, e a mulher se lembra das duas crianças saindo pela porteira no petiço manso, todos os dias, bem cedo. Com os anos, e depois da compra dos terrenos, os irmãos e as cunhadas se afastaram do casal, algo que o homem justificava dizendo que era inveja, inveja pura. Ela nunca pensou em demasia a respeito, embora estar isolada no campo fosse como ser uma ovelha a mais, sustentando a mudez das coisas. Um animal ao lado do outro, imersos na solidão que cresceu com o passar do tempo. Fora isso, a vida compartilhada também não foi grande coisa. Uma viagem a Montevidéu, em excursão com outros casais da zona. Madrugadas em claro pela asma do filho, o medo de que se afogasse e não pudesse respirar de novo. A comida sempre pronta, pontualmente, ao meio-dia. Imagens breves sobre como seria ser tocada por outro homem, que a mulher espantava com vergonha. O cheiro da água sanitária no banheiro. A roupa estendida secando ao vento. O dia em que soube que o homem pagava por sexo na cidade, respirou aliviada.

Já passa da meia noite. A chuva parou quase que por completo. Lê as receitas, com os roncos do marido como som de fundo. Os cães se deitaram perto da porta, e às vezes rosnam um para o outro, disputando por espaço. A cadela preta e gorda tem um lugar indisputado, devido à sua antiguidade na casa, mas a contenda se dá entre o marrom e o tigrado que, pouco a pouco e com reticência, aceitou a hegemonia do recém-chegado. No início brigaram bastante. Teve que curar feridas nas orelhas manchadas do cachorro de menor porte. Chegou a ver um pedido de clemência em seus olhos débeis,

na incapacidade de sobrepor-se à força avassaladora do outro. Agora, o tigrado dorme longe da porta, por uma questão de hierarquia que se impôs como algo natural e necessário. Enquanto dormem, emitem grunhidos apagados, de bestas querendo sossego. Custa imaginá-los acordados, alertas, dispostos a matar.

Depois da reorganização provocada pelo marrom, os cães passaram a atuar em grupo e com um líder claro. Como nova matilha, não demoraram para perceber que podiam caçar qualquer bicho. Primeiro foi um gambá, que para defender-se mijou nos olhos da cadela velha, mas terminou estripado entre as abóboras e os tomates. Não o comeram, o mataram para deixá-lo ao sol, envolto em uma nuvem de odor insuportável. A cadela preta esteve três semanas escondida em uma toca entre os eucaliptos, quase cega pelo veneno. Era época do último Natal, e a mulher estava ocupada em costurar para fora, em organizar o jantar do dia vinte e quatro, tanto que não pôde ajudar muito. Seguiram os gatos da tapera, que foram desaparecendo um a um. A primeira vez que viu o recém-chegado equilibrando-se sobre uma corticeira, pensou nos limites de cada espécie, e assustou-lhe que um cachorro pudesse escalar alturas. O cão agitava o galho sobre o qual um gato montês tratava de escapar. Flores vermelhas caíam a cada novo embate. Os outros dois cães ajudavam a mover a árvore desde a base, latindo sem parar, como se precisassem encorajar a ousadia. Então, em um movimento único, a mandíbula do marrom perfurou o pescoço do gato com a delicadeza de uma lambida. Ela ficou gelada, o cão a olhou com o corpo morto entre os dentes, e quase o cuspiu em seguida, displicente.

Naquela noite, no jantar, preferiu omitir na frente do marido o incidente com o gato, se lembra agora. Fecha o caderno e apaga a luz com que lia. A escuridão se impõe sobre a casa como qualquer presença iminente. Caminha pela escuridão até a porta e o observa, borrado através do vidro com pingos de chuva. O cão marrom, adormecido do outro lado da porta, respira tão em paz que ela prefere não pensar que pode matar outra vez.

A caminhonete acelera e o motor arranca pelo caminho em direção à estrada. Se ouve o barulho surdo até que se perde na vastidão da manhã nublada de fim do verão. A mulher termina de lavar os pratos do café da

manhã e arruma a cozinha. Ele deixou o mate intato sobre a mesa de fórmica, ao lado do livro de receitas, e ali vai ficar até ele voltar, perto do meio-dia, quando os dois saíam para matear antes do almoço. Faz uma conta rápida, como toda sexta-feira, e se alegra com as quase quatro horas de solidão que tem por diante. Nas sextas o marido sempre vai à cidade. Antes, há muito tempo, ela gostava de ir com ele, mas quando descobriu isso das putas, decidiu deixar de acompanhá-lo. Soube por uma vizinha, no curso de cestas, que lhe contou com a escassa confiança que gera um encontro semanal tecendo cardos e bebendo café queimado. Já não lembra de como foi que começou a conversa, nem de como aquela cara redonda e pálida a olhou com desprezo, soltou uma risadinha cínica e, como se nada, disse umas palavras que, essas sim, consegue evocar com precisão:

– A caminhonete do seu marido é das que sempre estão na zona, hein? – disse de repente a boca pintada cor de rosa leve, um rosto iluminando-se com a informação que estava cuspindo ao passar.

Mas não houve reação de sua parte. Sustentou por um segundo esse olhar mesquinho, mas em seguida se concentrou na agulha e seguiu tecendo o cardo. Sentiu raiva em parte, mas também o alívio de que ele tivesse um mundo seu, que não dividia, um mundo em que as coisas eram mais simples, diretas, submissas à força do dinheiro, e não tão cheias de solidão como a vida compartilhada. Não imaginou nada, não pode figurar a imagem da caminhonete no puteiro, nem seu marido com mulheres que seguramente tinham muito mais experiência do que ela. Nada. Uma nova forma de sentir, uma liberdade própria, pessoal, e de mais ninguém. Se para ele era assim, ela poderia seguir afundando em si mesma. Daí em diante, deixou de ir à cidade nas sextas, de ficar sentada na caminhonete enquanto ele negociava o fertilizante na agropecuária, cobrava os cheques no banco, parava na cooperativa para comprar bolsas de cinco quilos de macarrão, erva, bolachas, ou demorava falando com algum homem vestido igual a ele, as mesmas bombachas de campo, botas de couro desgastadas e cheias de barro, a boina encravada na cabeça. Não explicou o porquê, simplesmente deixou de arrumar-se nas sextas depois do café da manhã, de subir na caminhonete. Ele também não perguntou nada.

Depois que a caminhonete se perdeu de vista, os cães se aproximaram da casa. Da cozinha, a mulher os observa sentados na galeria, orelhas atentas, patas dispostas a sair correndo caso seja necessário, bocas com a língua de fora devido ao calor, mas capazes de atacar se o perigo espreita. Sabe que a protegem, que é a missão que sempre vão ter, como um pacto que os humanos nunca assinam. Termina de guardar os pratos nas prateleiras, desliga o rádio e decide sair para caminhar até o riacho. Se soubesse nadar, poderia pensar em se banhar na água fresca que vem da serra, mas nem ela, nem seus filhos, a quem levou tantas vezes para passear ali, sabem mover-se na água, coordenar pernas e braços para não afundar.

Quando a vêem sair de casa, os cães fazem festa, choram, se enroscam em suas pernas. Chama o tigrado e o marrom, e deixa amarrada a cadela preta, para que fique cuidando. Ao descer a ladeira rumo à estrada, escuta seus latidos desconsolados, mas não para de caminhar, olhando para a frente, o tigrado que segue o marrom em seus movimentos- líder natural do mundo da serra.

A tempestade do dia anterior se compacta sobre o horizonte, embora todo o céu esteja nublado, o ar quente, o pasto verde e a água formando poças em qualquer lugar. Avançam pelo caminho de terra até o lado oposto da estrada, rumo à escola, e, mais à frente, o riacho, bem distante ainda. Os cães estão agitados, nervosos, e assustam as vacas do pasto vizinho. Consegue ver o marrom perseguindo um terneiro, os músculos tensionados, prontos para o ataque, com o tigrado atrás e que não participa. A mulher grita com força, o marrom duvida por um instante, o corpo inteiro se detém, e logo os dois cães voltam para junto dela. As vacas ficam olhando-os com receio, em grupo, o terneiro perseguido em meio aos couros amplos de todas elas. O cão marrom trota tremendo, incapaz de dominar o instinto. Segue eriçado. O agarra pela coleira com firmeza, indicando-lhe que fique quieto, que pare, que não perca o controle de seus movimentos.

Florescidos em roxo, os cardos emolduram o caminho. O marido odeia cardos, e os arranca sistematicamente, antes que possam avançar sobre as pradarias. Ela gosta tanto dessa flor roxa, espinhosa e duradoura, embora nunca tenha se animado a arrancá-la. Passam a primeira ponte, com o fluxo do rio abaixo. Os cães aproveitam para tomar água e refrescarem-se,

e seguem trotando, esse trote discreto, que em um instante pode virar corrida. Logo vem a ladeira rente à escola, que demora para subir, apoiando-se num galho que usa como bengala. As gotas de transpiração caem por seu pescoço. O marrom vai na frente, muito à frente, e ganha velocidade metro a metro. A mulher o chama com um assobio, mas desta vez o cão sequer se vira: se agacha para passar uma cerca, e entra correndo na chácara do vizinho. Longe já, de repente se perde de vista. Ela trata de apurar o passo, mas faz demasiado calor, a roupa se gruda ao corpo, a respiração se torna dificultosa. O tigrado vem a seu encontro, desconcertado com o comportamento do outro, e fica entre suas pernas.

Segundos depois, uns gritos cortam o ar. O tigrado levanta as orelhas e se prepara para ir ao encontro dessas vozes, mas a mulher o dissuade com um assobio. Ambos notam a estranheza no ar. Caminham devagar. Não se escuta mais nada. Passam a escola e começam a descer até a planície do riacho, que se estende logo frente a eles. De alguma forma, ao seguir caminhando, ela espera que o marrom volte, que não seja nada, que os gritos tenham sido por outra razão, por algo que não deva se preocupar.

O marrom os encontra perto do riacho. Está contente e estranhamente excitado. Tem um brilho pouco usual em seus olhos, uma disposição insolente no porte. A mulher não o olha, de propósito, como uma forma de castigo pela intrepidez que tanto lhe fascina. Alheio a tudo isso, é o primeiro a atirar-se na água, da ponte mesmo, o corpo atlético voando até submergir-se na água fria. O tigrado dá uma volta grande, até uma curva do rio, e só por esse lugar entra na água, aos poucos. Ambos nadam entre os redemoinhos discretos que se formaram com a chuva da noite. Ela os observa com curiosidade, sentada na beira da ponte, os pés oscilando acima da água escura que flui devagar até outro riacho, talvez depois até o mar. Passam os minutos. Os cães saem da água, se sacodem, e repetem o mergulho, um desde a ponte, o outro pela curva, coordenados, perceber parece ela. Quando levanta os olhos, vê que o vizinho vem a cavalo em sua direção. Uma ovelha branca pendendo mole sobre a sela, com um fio de sangue traçando um arco ao redor do pescoço. O homem está furioso, as veias atravessando a pele, uma boca que grita e insulta. Sentada na ponte, sem levantar, de alguma maneira sabe o que aconteceu, e não o condena.

Quieta, concordando com o que o vizinho exige como ressarcimento, vê que o cão marrom sai da água sigilosamente e se esconde entre os arbustos.

No fim das contas, sexta-feira foi um dia perdido. Voltou com os cães para casa e amarrou o marrom com pouca extensão de corda. Ficou assim a tarde inteira, enquanto tentava fazer as tarefas de casa. O cão aguentou sem chorar, quieto e provocador em sua indiferença. O tigrado e a preta não se aproximaram em nenhum momento, como se no fundo desfrutassem que o líder tivesse perdido sua hegemonia. Latiram várias vezes para os carros que passaram pela estrada. O marido chegou na madrugada do sábado, e dormiu no quarto de seus filhos. Ao levantar, ele já sabia o que tinha acontecido. Deu a entender isso, por meio de um silêncio sustenido. Naquela hora, o marrom já tinha sumido. A mulher o chamou várias vezes, com assobios curtos e bem agudos, chacoalhando o pote de comida depois, mas o cão não veio ao seu encontro. À tarde, percorreu sozinha os arredores da casa, procurando entre as árvores e os arbustos. Seguiu até o caminho e se dirigiu para o riacho, onde chegou ao entardecer. Não tinha nenhum rastro do cão. A ausência de latidos parecia devorar a lembrança do dia anterior, os redemoinhos no fluxo de água, o pelo molhado sacudindo-se, aquela alegria que escondia o inevitável. O marrom tinha desaparecido, assim como tinha chegado havia menos de um ano. A noite caiu devagar, cada minuto afastava mais e mais as imagens do dia anterior.

As cadeiras dos adultos estão dispostas ao redor do círculo onde brincam as crianças. Um pátio de cimento. Balões amarrados nos arames da videira. O bolo decorado com princesas cor-de-rosa e muito merengue, que a mulher terminou comprando na confeitaria, incapaz de cozinhar qualquer coisa, espera na mesa ao lado. Garrafas de refrigerante esquentam ao sol da tarde. A toalha de mesa emborrachada não se mexe com a brisa do verão. Séria, arruma a saia do vestido verde com botões na frente que vestiu para o aniversário de sua neta. O marido estende a mão e procura entrelaçar os dedos com os seus, pedindo insistentemente, até que se cansa e coloca de volta sua mão no lugar, na sua cadeira branca de plástico.